

Seção Sindical dos Docentes da UFSM



**Os 20 anos que
valeram a pena**

Carta ao leitor

Nossos vinte e poucos anos

A vida de uma pessoa ou de uma instituição pode ser descrita por limites meramente temporais. Por essa lógica, a Seção Sindical dos Docentes da UFSM (SEDUFSM) nasceu em 7 de novembro de 1989, em uma assembleia de fundação que contou com cerca de 70 professores e, no último dia 7 completou 20 anos. Mas a história pode ser descrita de uma forma diferente, que vá além dos números de calendários pendurados em uma parede fria.

A SEDUFSM surge em 1989, mas antes do seu nascimento houve todo um acúmulo de forças, protagonizado por homens e mulheres, cada qual com sua contribuição ao que se convencionou chamar de Movimento Docente. Sim, movimento, ou seja, algo que não está parado, que é dinâmico. Dessa forma, é preciso lembrar que a história deste sindicato tem precedentes que remontam pelo menos à década de 1960.

Foi no ano de 1967 que um grupo de docentes da UFSM, capitaneados pelo professor Noli Brum de Lima, resolveu, mesmo contrariando os conselhos da reitoria de então, criar uma associação de professores. Surgia ali a APUSM. De entidade associativa, que cuidava de interesses sociais e recreativos, passa a uma outra concepção. E isso se deve em muito à compreensão de homens e mulheres, entre os quais, Sérgio e Cecília Pires, Eduardo Nogueira, e outros, que a partir de 1977 fazem da associação um espaço pré-sindical, que se tornaria um embrião das reivindicações que mobilizariam a Universidade Federal de Santa Maria na década de 80. Um processo de mobilização civilizatória que percorreu o país como um todo neste período.

Portanto, a história, assim como referimos no início não é estática e muito menos linear. É preciso lembrar de todos aqueles que construíram e que ainda continuam

construindo a história dessa entidade. Se em seus livros de registros, o sindicato já foi dirigido por Clovis, Ricardos, Franciscos, Joões, Carlos ou Berenices, talvez isso seja o menos relevante. O importante é que ao longo desses vinte e poucos anos, as concepções que levam à luta sindical não mudaram.

Os muros caíram, as ideologias foram questionadas, mas a ética permanece como base. A bandeira de luta se mantém firmemente empunhada, nos remetendo à defesa de uma educação pública, gratuita, estatal, de qualidade e socialmente referenciada como um horizonte a ser perseguido. E, sobretudo, a defesa de um Sindicato Nacional que congrega toda essa concepção, em que pesem os mais diferentes ataques, seja de ex-companheiros de trincheira, seja das próprias hostes governistas.

O que sempre moveu a SEDUFSM e continuará movendo por anos e anos é a garra dos seus filiados. Em 1991, quando de uma greve longa e desgastante, em que a derrota parecia iminente, coube a cada professor buscar no seu íntimo a energia para fazer a luta continuar. Foi assim em 2008, quando o ANDES-SN esteve ameaçado de ser posto no limbo, que os filiados e mais centenas de entidades sindicais e dos movimentos sociais, tanto nacionais como internacionais, promoveram uma campanha de legitimação do Sindicato nunca antes vista, que culminou na retomada do registro sindical em 2009.

E é assim que a SEDUFSM foi construída. Mais do que por diretores, presidentes, conselheiros, a entidade tornou-se concreta a partir de toda uma categoria que entendeu que a esperança sempre esteve na luta. E que a luta não se faz sem uma entidade representativa e fiel a princípios. É por isso que nesses 20 anos, a nossa lembrança e homenagem são para você...e a você...e a você...

“O que sempre nos moveu é a garra dos filiados”

Nasce um sindicato de luta

Eram 20h30min do dia 7 de novembro de 1989, quando foi oficialmente fundada a Seção Sindical dos Docentes da UFSM. A assembleia ocorreu no auditório do Centro de Ciências Sociais e Humanas (CCSH), na Floriano Peixoto, 1184, no prédio da Antiga Reitoria. O encontro foi presidido pelo professor do Centro de Educação, Clovis Renan Jaques Guterres e secretariado pela professora do curso de História, Berenice Corsetti. Nascia uma seção sindical, membro de um corpo maior, que era o ANDES – Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior.

A SEDUFSM surge a partir do direito conquistado na constituição de 1988, que permitiu aos servidores públicos organizar sindicatos, agregado a isso o direito à greve. O professor Clovis Guterres, que viria a presidir a seção sindical na diretoria provisória, entre novembro de 1989 e junho de 1990, lembra que o direito à sindicalização já existia no setor privado desde o início do século XX.

O que existia antes nas Universidades eram as associações de professores, congregadas na Associação Nacional dos Docentes (ANDES). Em Santa Maria não era diferente. A Associação dos Professores (APUSM) surge em 1967, mesmo com restrições da reitoria de então. Havia um medo de que esse tipo de iniciativa acabasse gerando conflitos em um período de muita repressão por parte do regime militar. O



Em 1977, Sérgio Pires(e) assume a presidência da APUSM com os cumprimentos de Eduardo Nogueira

primeiro presidente da APUSM foi o professor Noli Brum de Lima. Em sua origem, a entidade assumiu um caráter de entidade associativa, organizando programações sociais e de valorização da cultura. Foi somente por volta da metade da década de 1970, quando assume a presidência da APUSM, o professor Sérgio da Fonseca Pires, que aos poucos a entidade passa a ocupar um espaço que tinha identidade com a luta sindical.

Os professores que militaram na APUSM ao longo da década de 1980 acumularam uma história importante, não apenas na UFSM, mas também em nível nacional. No entanto, a partir da ascensão à direção da entidade de um grupo liderado pelo professor Paulo Jorge Sarkis, o pensamento majoritário passou a se distanciar da ideia de se transformar em seção sindical de um Sindicato Nacional. A principal alegação do grupo de Sarkis,

conforme o professor Clovis Guterres, era de que haveria “perda de patrimônio e também restrições ao fato de o ANDES ser filiado à CUT – Central Única dos Trabalhadores”.

Para o professor Orlando Fonseca, que é filiado à SEDUFSM desde a fundação, tendo sido diretor da entidade por três oportunidades, naquela época, dizer que professor era trabalhador significava quase uma “ofensa” para alguns. Por isso, a resistência imensa em vincular-se ao ANDES, que tinha

relação direta com a CUT.

É a partir dessa negativa da APUSM em transformar-se em seção sindical do ANDES que um grupo de professores resolve então criar a SEDUFSM. “Uma vez que a APUSM abriu mão da prerrogativa de filiar-se ao ANDES, passamos a nos reunir em separado, debatendo a fundação do sindicato. Não chegou a haver ruptura. Foi tudo pacífico”, explica Guterres.

Sérgio da Fonseca Pires era professor do curso de Matemática da UFSM e, juntamente com a esposa, a professora do curso de Filosofia, Cecília Pires, é uma das referências do movimento docente até hoje. Cumpriu o papel, juntamente com Clovis Guterres e outros, de dar uma linha política progressista à APUSM. Entretanto, Sérgio não pode partilhar das vitórias que o sindicato alcançaria. Faleceu em 30 de setembro de 1990, mas deixou seu nome gravado na história do movimento docente.

Os desbravadores

Na assembleia de fundação da Seção Sindical dos Docentes da UFSM, no dia 7 de novembro de 1989, um total de 66 professores que assinaram a lista de presença e são considerados fundadores da entidade. Acompanhe pela ordem as assinaturas:

- | | | | |
|-----------------------------------|--------------------------------------|----------------------------------|----------------------------------|
| 1- Dominguita Luhers Graça | 14- Nely Ribeiro | 27- Tânia Regina Taschetto | 47- Luiz Ernani B. de Araújo |
| 2- Antonio Jorge de Albuquerque | 15- Noli Brum de Lima | 28- Enio Moraes Dutra | 48- Berenice Corsetti |
| 3- Cláudio de Oliveira Graça | 16- Maria Irany Knackfuss Rodrigues | 29- Antoninho P. Stefanello | 49- Sérgio F. Pires |
| 4- Clauton Monte Machado | 17- Silvio Claudio Pereira Rodrigues | 30- Nara M. S. Ferraz | 50- José Antonio Fernandes |
| 5- Laurete Murer | 18- João Eduardo Lupi | 31- Maria Julia Piaggio | 51- Roberto da Luz Jr. |
| 6- Deborah Krebs Conceição | 19- Clovis Silva Lima | 32- Pedro Rabelo Coelho | 52- Érico Lopes Henn |
| 7- Beatriz Weber de Moraes | 20- Sérgio Luiz Dalmora | 33- Oswaldo Alonso Rays | 53- Dartagnan Figueiredo |
| 8- Carlos Alberto Robinson | 21- Maria Elisabeth Dalmora | 34- Maria Arleth Pereira | 54- Clovis Guterres |
| 9- Lucia Beatriz Ressel | 22- Giseli Scotti do Canto Assaf | 35- Marian Noal Moro | 55- Luiz Carlos P. Machado Filho |
| 10- Eduardo Bragança de Moraes | 23- Edson Nunes de Moraes | 36- Nedison Faria | 56- Israel Silva Mármol |
| 11- Maria Beatriz Lemos de Moraes | 24- Ana Fátima Badaró | 37- Primo Manoel Brambilla | 57- Eduardo Ravagni |
| 12- Rosane Maria M. R. Cattani | 25- Leda Ravagni | 38- Claudete Brambilla | 58- Cleber Augusto Biazús |
| 13- Cecília Maria Pinto Pires | 26- Roberto Luiz Machado | 39- Marcos Lourenço Herter | 59- Silvestre Selhorst |
| | | 40- João Pedro Alcântara Gil | 60- João Manoel Rossés |
| | | 41- Vera Lúcia Pires | 61- Yara Albuquerque |
| | | 42- Orlando Fonseca | 62- José Alcebiades de O. Junior |
| | | 43- Alfonso Benetti | 63- Angela Garcia Rossi |
| | | 44- Beatriz Maria Pippi | 64- Etevaldo Vargas Porto |
| | | 45- Reinaldo A. Pedrosa da Silva | 65- Luiz A. dos Santos Neto |
| | | 46- Roque Amadeu Kreutz | 66- Antonio A. Brum Siqueira |

Os primeiros passos

Arquivo/SEDUFSM



Cecília e Clovis Guterres: as dificuldades de dirigir um sindicato com tudo por fazer

Quem analisa hoje a SEDUFSM, com sua sede própria, auditório que sedia diversos tipos de atividades, cerca de 1.200 filiados e uma boa arrecadação das mensalidades, talvez não imagine as dificuldades nos primórdios da entidade. Os obstáculos iam desde a falta de recursos, de infra-estrutura (não havia sequer uma sede) até a falta de um respaldo absoluto frente à categoria, pois uma parte dela não entendia o porquê de um grupo ter resolvido se desvincular da APUSM.

Para a professora Cecília Pires, que fez parte da primeira diretoria com mandato entre 1990 e 1992, “o momento originário viveu as dificuldades de toda a entidade que nasce num ambiente adverso, especialmente num *lôcus político* de face autoritária e conservadora”. Acrescenta ela que “não havia sede e a contribuição dos sindicalizados foi o elemento importante para as primeiras atividades da seção sindical. No início, a sede foi numa das salas do prédio da Reitoria, cedida para esse fim. A primeira diretoria teve o trabalho de instalação e organização mínima para o funcionamento da seção sindical e o relacionamento público com as demais entidades”.

O processo de organização cresceu e gerou frutos, mas, foi muito difícil para todos aqueles que participaram dele em seu início. A professora Berenice Corsetti, que presidiu a entidade por duas gestões consecutivas, entre 1990 e 1994, assinala que foi um dos maiores desafios de sua vida. “As dificuldades foram muitas, de todo o gênero, desde a parte material, sem condições (sede, recursos financeiros), até a necessidade de criarmos condições para que os colegas da UFSM pudessem identificar o sindicato como a legítima instância de representação da nossa categoria”.

Clovis Guterres, que presidiu provisoriamente a SEDUFSM entre novembro de 1989 e junho de 1990, destaca que do ponto de vista político o trabalho foi “altamente recompensador porque recuperávamos com a nova entidade a trajetória crítica, engajada e combativa do movimento docente.” No entanto, acrescenta ele, do ponto de vista administrativo era tudo muito “precário”, pois se começava do zero. “Uma sala cedida pelo reitor de então, Tabajara Gaúcho da Costa, no 8º andar da reitoria, serviu como sede provisória”, explica Guterres.

Sobre esse ambiente sindical, recorremos ao depoimento da professora Cristina Maria Rosa, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas. Cristina foi a primeira secretária da seção sindical. Na verdade foi a primeira funcionária, uma “faz-tudo” do sindicato. Somente depois de algum tempo, já com uma arrecadação mensal a partir da contribuição dos associados, foram contratados outros funcionários.

‘Um espaço repleto de vida’



Cristina Rosa, primeira funcionária da SEDUFSM

“A salinha da Reitoria foi nossa primeira sede. Eu adorava o 8º andar. Trabalhava lá em torno de sete horas por dia. Aparentemente nada aconteceria por lá, mas a vida de um sindicato que se expandiu progressivamente pela UFSM tornou aquela salinha um espaço enorme, repleto de vida. Era uma sala de aproximadamente 7 metros quadrados, tinha uma escrivaninha e um telefone, alguns armários para arquivos. Não havia computadores. Eu usava a central disponível para estudantes de pós-graduação que ficava em outro andar da Reitoria. Quase ninguém dominava a linguagem dos computadores, não era usual um estudante de graduação fazer uso cotidiano desse equipamento, ninguém possuía em casa. Por lá passavam todos que se dirigiam à Reitoria e queriam conhecer a sede da SEDUFSM. Lá se concentravam ajudantes informais para contribuírem na etiquetagem - manual - de todos os jornais, e, um deles, o “Seu João” que muitas horas de sua vida de servidor técnico-administrativo, usou em prol da SEDUFSM”.

Os cem dias que abalaram a UFSM

O título acima foi a manchete da edição de outubro de 1991 do jornal “Diário de Classe”, órgão informativo da Seção Sindical dos Docentes da UFSM. Ele retratava um momento especial depois de uma jornada dura, com cerca de 100 dias de greve dos professores. Mas, se pensarmos num contexto de tantas greves, por que essa teria sido tão significativa?

Para responder a essa pergunta é preciso entender o contexto histórico, explica o professor do curso de Economia da UFSM, Ricardo Rondinel, que naquele período de nascimento do sindicato integrava o Grupo de Trabalho de Assuntos Econômicos junto com o seu colega de departamento, professor Israel Mármol. O final dos anos 80 foi marcado por altas taxas inflacionárias. Conforme Rondinel, a inflação foi de 400% em 1987 e chegou a 2.000% em 1989.

Ricardo Rondinel, que depois comporia a diretoria da SEDUFSM em três momentos, destaca que em 1987, após longa greve do movimento docente nacional, foi conquistada a isonomia salarial entre autarquias e fundações, com grande ganhos salariais para os docentes. Mas os ganhos, explica ele, agregavam valor nominal aos salários, que, porém, eram corroídos pela inflação. O pico em todo esse processo inflacionário aconteceu em março de 1990, com o percentual alcançado 84,32% em um único mês.

Na UFSM, como em todo o país, em função da crise econômica e após uma abertura política sacramentada pela Constituição de 1988, que garantiu muitos direitos de cidadania, vivia-se um período de ascensão dos movimentos, sejam eles sociais ou sindicais. Na primeira eleição direta para Presidente da República, em 1989, vence o candidato identificado com os setores mais conservadores, Fernando Collor de Mello.

A greve de 1991 vai traduzir um grito de rebeldia contra o estrangulamento provocado nas universidades, seja do ponto de vista do financiamento dessas instituições, seja no aspecto da baixa remuneração dos professores. Em artigo assinado no “Diário de Classe” em outubro de 1991, Rondinel assinalava: “Em maio de 1991, após 14 meses de governo Collor, os nossos salários reais tinham perdido 55% do seu valor real de março de 1990”.

Nesse contexto conturbado, o movimento grevista na UFSM serviria também para consolidar o sindicato como instância representativa da categoria. Não foi uma greve decidida na cúpula, mas, sim, apoiada pela maioria, que a sustentou até o fim. Foi uma vitória do sindicato. Foi uma vitória da comunidade universitária.



Durante a greve de 1991, o professor Máucio usou o “quero-quero” como símbolo da greve



Máucio retratou um dos grandes debatedores das assembleias grevistas, o prof. Paiva

As diretorias da SEDUFSM

Provisória: 1989-1990

Presidente: **Clovis Guterres**
Vice-presidente: **Eduardo Ravagni**
Secretário-geral: **Berenice Corsetti**
1º secretário: **Clauton Monte Machado**
Tesoureiro-geral: **Luiz Ernani B. de Araújo**
1º Tesoureiro: **Israel N. Silva Mármol**
Suplentes: **Rosane M. Manica Rizzi Cattani, Cecília M. Pinto Pires e Beatriz M. P. Quintanilha.**

Gestão “Consolidação”: 1990-92

Presidente: **Berenice Corsetti**
Vice-presidente: **Cecília Pires**
Secretário-geral: **João Pedro Gil**
1º secretário: **Carlos Alberto Robinson**
Tesoureiro-geral: **Plínio M. José Tochetto**
1º Tesoureiro: **Ana Maria Beltrame**
1º Suplente: **Reinoldo Marquezan**
2º Suplente: **Beatriz M. Pippi Quintanilha**
3º Suplente: **Roberto da Luz Jr.**

Gestão “Realização”, 1992-94

Presidente: **Berenice Corsetti**
Vice-presidente: **Ricardo H. Rondinel Cornejo**
Secretário-geral: **Ana Maria Beltrame**
Primeiro secretário: **Orlando Fonseca**
Tesoureiro-geral: **Israel N. Silva Mármol**
Primeiro tesoureiro: **João Pedro Alcântara Gil**
1º suplente: **Sérgio carvalho**
2º suplente: **João Batista Dias de Paiva**
3º suplente: **Marian Noal Moro**

Chapa 1, 1994- 96

Presidente: **Ricardo Rondinel**
Vice-presidente: **Francisco E. de Freitas**
Secretário-geral: **Sonia Berenice Tolfo**
Primeiro secretário: **Flávio A. Weigert**
Tesoureiro-geral: **Israel Mármol**
Primeiro tesoureiro: **Fernando L. F. de Quadros**
1º suplente: **Wilton Trapp**
2º suplente: **Primo Brambilla**
3º suplente: **Venceslau V. C. Leães Filho**

Gestão “Unidade na ação”, 1996-98

Presidente: **Francisco Freitas**
Vice-presidente: **Marian Noal Moro**
Secretário-geral: **Fábio da Purificação de Bastos**
Primeiro secretário: **Abel Panerai Lopes**
Tesoureiro-geral: **Sérgio A. Massen Priebe**
Primeiro tesoureiro: **Sônia da Costa**
1º suplente: **Jadir Camargo Lemos**
2º suplente: **Luiz Eduardo Robaina**
3º suplente: **Eduardo Marafiga**

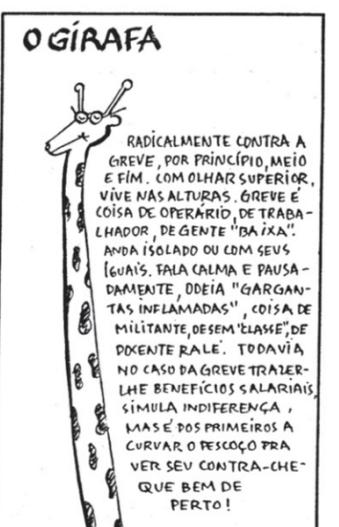
Gestão “Ação Coletiva”, 1998-2000

Presidente: **Jadir Lemos**
Vice-presidente: **Orlando Fonseca**
Secretário-geral: **Rejane T. P. dos Santos**
Primeiro secretário: **Adriano Figueiró**
Tesoureiro-geral: **José Luiz S. da Silva**
Primeiro tesoureiro: **Sônia da Costa**
1º Suplente: **Regina Maria Mello**
2º Suplente: **Marian Noal Moro**
3º Suplente: **Luiz Helena R. Heckteuer**

O humor da greve

Existem pessoas que acham que realizar uma greve é algo que causa satisfação. Entretanto, só quem enfrentou movimentos ao longo de semanas, meses, sabe o quanto é desgastante, principalmente porque nunca se sabe qual vai ser o resultado efetivo das paralisações. A greve de 1991, durante o governo Collor, foi uma das mais longas da história até então e teve momentos em que não se via perspectiva de avanços. O clima era de "estagnação", segundo o professor do departamento de Artes Visuais, Mário Lucio Bonotto Rodrigues, o Máucio.

Como forma de tornar o ambiente menos "pesado", Máucio recorda que tomou a iniciativa de criar um boletim que se chamou "humor da greve". A cada assembleia, um novo informativo era produzido e criava expectativas. A seguir você acompanha um desses boletins cujo título era "Na greve do zoológico, professores viram bicho". No impresso, reproduzido em xerox, Máucio satirizava os diversos tipos de docentes, especialmente os que costumavam ficar "em cima do muro".



Máucio idealizou o "humor da greve", em 1991



84,32%: vitória jurídica e política



Inauguração da sede própria (1994): Celso Carmelo, Ana Beltrame, Ricardo Rondinel, Berenice Corsetti, Orlando Fonseca, Dilermando de Barros e Israel Mármol

No final dos anos 80 e início dos 90, de tempos em tempos a sociedade brasileira era sacudida por planos econômicos milagrosos, que objetivavam conter a inflação, mas que sempre sonegavam parte do que deveria ser repassado ao salário dos trabalhadores. Um dos mais violentos confiscos foi no Plano Collor, em março de 1990, quando a inflação bateu nos 84,32%, mas os salários não foram corrigidos, perdendo com isso poder aquisitivo.

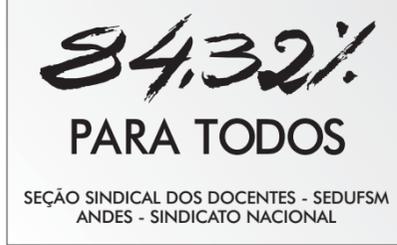
A saída para os sindicatos era ingressar na justiça questionando o não repasse desses percentuais. Uma dessas ações, a dos 84,32%, acabou tendo decisão favorável na Justiça do Trabalho para os docentes da UFSM que anteriormente à constituição de 1988 eram regidos pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), os chamados ex-celetistas. Conforme histórico feito pelo vice-presidente da SEDUFMS à época, Ricardo Rondinel, cerca de 900 professores do terceiro grau foram beneficiados pela ação

encaminhada pelos assessores jurídicos Celso Carmelo e Dilermando de Barros.

O ganho dos 84,32% foi implementado na folha de pagamento dos professores em janeiro de 1993 e significou uma vitória jurídica e ao mesmo tempo política. Segundo Rondinel, o reitor Tabajara Gaúcho da Costa, usando o expediente previsto na Carta Magna, que em seu artigo 207 prevê a Autonomia Universitária, não apenas autorizou a inclusão do percentual como também estendeu administrativamente o ganho para os docentes ex-celetistas das escolas de segundo grau da UFSM.

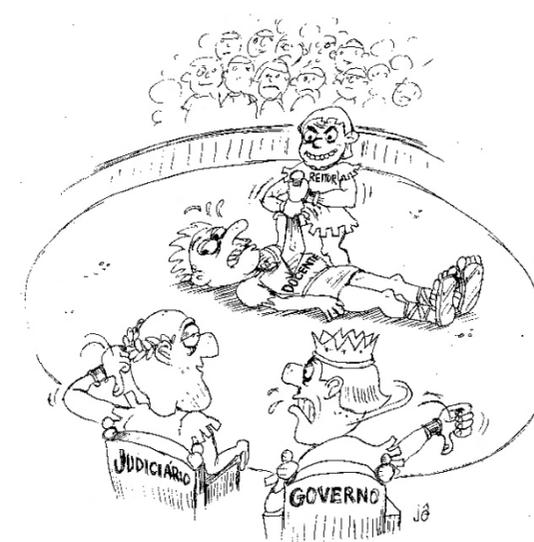
O processo vitorioso em relação aos 84,32% teve um fator positivo a mais para a SEDUFMS. Os advogados da entidade abriram mão de uma parte do valor que teriam a receber e, com isso, a diretoria conseguiu adquirir um imóvel, que depois de reformado, passou a ser a sede própria da seção sindical. A sede até hoje se localiza na André Marques, 665, que, mais tarde, ganhou ainda um auditório com capacidade para 100 pessoas.

Apesar de todo o esforço empreendido, houve dois grupos não atingidos pelo ganho jurídico: os professores antigos estatutários, cujas ações eram na Justiça Federal e, também, os chamados professores "novos", ou seja, que ingressaram após a decisão judicial. À SEDUFMS coube o papel de pressionar a reitoria no sentido de estender o percentual a todos. Para isso foram feitas campanhas inclusive com a confecção de adesivos que reivindicavam "84,32% para todos".



Adesivo que reivindicava a extensão do percentual a todos os professores

Triste fim de um sonho



De janeiro de 1993 até o final de 1994, os docentes ex-celetistas, em torno de 900, conforme relembra o professor Ricardo Rondinel, tiveram seus vencimentos praticamente dobrados em função do ganho dos 84,32%. Entretanto, o sonho acabou no início de 1995. A suspensão do percentual se deu a partir de uma ação rescisória encaminhada pela Reitoria da UFSM. Segundo Rondinel, houve luta política e jurídica para manter o ganho dos docentes. Entretanto, acrescenta, a opção política da Reitoria da época foi ficar ao lado do governo.

Olhando os arquivos informativos do sindicato, percebe-se que em agosto de 1994, o reitor da UFSM à época, Odilon Marcuzzo do Canto, havia garantido em assembleia que não contestaria o pagamento do percentual. Porém, a partir de outubro daquele ano, muda de postura e diz que encaminharia ação judicial somente se fosse "obrigado" pelo MEC. Mas, em novembro, ele anunciaria oficialmente ao sindicato que iria questionar judicialmente o pagamento.

O reitor Odilon desgastou-se muito com a categoria e teve seu nome aprovado em assembleia como *persona non grata* ao Movimento Docente. A cassação dos efeitos da ação ganha pela SEDUFMS abriu brecha para que outras ações acabassem suspensas e, assim, o direito aos 84,32% fosse sepultado definitivamente. Na ilustração feita por Joacir Dias Xavier (Jô), publicada no *Jornal da SEDUFMS*, em novembro de 2004, se procurava mostrar o dilema vivido pelo reitor à época.



A penúria dos anos FHC



Fotos: Arquivo/SEDUFSM
Durante o governo FHC, principal bandeira foi em defesa da universidade

A década de 90 foi bastante conflituosa nas universidades. Desde o governo Collor, que depois sofreria o impeachment, passando pelo governo Itamar Franco, e depois o de Fernando Henrique Cardoso (FHC), os embates foram constantes. Houve greve nos anos de 1991 (Collor), 1993, 1994 (Itamar), 1995, 1996, 1997, 1998, 2000 e 2001 (governo FHC).

Indubitavelmente, os anos FHC, depois do período Collor, foram os piores para os professores e para as universidades. O último reajuste dos vencimentos aconteceu em janeiro de 1995, ainda fruto de negociações de uma política salarial do governo Itamar. A situação foi tão crítica que, em 1997, os servidores promoveram os "mil dias" sem reajuste no governo FHC.

O embate durante o governo dos demo-

tucanos iniciou cedo. Já no primeiro ano, em 1995, ocorreu a greve contra a aprovação da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) de autoria do senador Darcy Ribeiro, que se contrapôs ao modelo preconizado pelas entidades que integravam o Fórum Nacional em Defesa da Escola Pública. Mesmo com mobilizações e greve, pressões aos congressistas, o rolo compressor

de FHC funcionou e a LDB Darcy Ribeiro foi aprovada. Um dos retrocessos nessa lei foi em relação à escolha de dirigentes das universidades federais, que passou a supervalorizar o segmento docente. No processo eleitoral, o peso do voto do professor passou a 70% e os demais segmentos, apenas 30%.

A dureza dos anos 90 é lembrada pelo professor Francisco Freitas, que foi vice-presidente de 1994 a 1996 e presidente de 1996 a 1998. Ele relembra que foi a partir do governo FHC que começaram a ser implantados os modelos de "reforma administrativa de viés neoliberal". Nessa época, o sindicato investia na mobilização, inclusive realizando campanhas publicitárias e as assembleias eram lotadas.

A SEDUFSM se organizava também

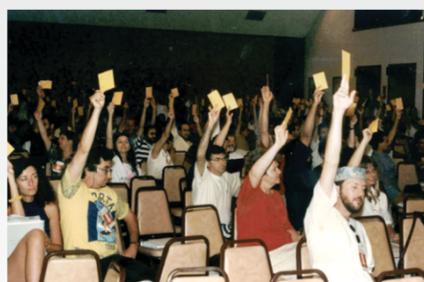
com outros sindicatos locais no âmbito da CUT Regional Centro e foram realizadas muitas atividades conjuntas, especialmente com o sindicato dos servidores (ASSUFSM) e estudantes (DCE). Entretanto, do ponto de vista das conquistas salariais, somente em 1998, após mais uma greve, o governo federal implantou a GED (Gratificação de Estímulo à Docência), que teve a oposição dos docentes em função dos reajustes diferenciados baseados em critérios produtivistas.

O professor do curso de Fisioterapia, Jadir Camargo Lemos, que presidiu a seção sindical de 1998 a 2000, lembra que a grande bandeira da época era em "defesa da universidade pública, gratuita e de qualidade", ameaçada pelas propostas de privatização do governo FHC. Também foi na gestão do professor Jadir Lemos, em 1999, que o sindicato, na comemoração de 10 anos, fez parceria com o Mestrado em Letras e trouxe a Santa Maria o filósofo francês, Michel Mafesoli.



Na greve de 1998, comunidade da UFSM foi às ruas

XV Congresso do ANDES



Cerca de 400 docentes de todo o país estiveram em Santa Maria

No ano de 1996, de forma inédita, a SEDUFSM sediou o XV Congresso do ANDES - Sindicato Nacional. O evento aconteceu de 1º a 6 de fevereiro e teve como tema *Educação, Trabalho e*

Cidadania, com o subtítulo "Estão jogando o futuro no lixo". Cerca de 400 professores dos mais diferentes pontos do país estiveram em Santa Maria, nas plenárias do Centro de Eventos do Hotel Itaimbé, ou nas salas da ex-reitoria discutindo as políticas do ANDES para a universidade brasileira. Durante o evento de Santa Maria também foi lançado o livro "Sindicalismo na Universidade - um estudo do movimento docente", de autoria do professor da UFSM, Pedro Coelho. Essa publicação continua sendo referência sobre a história do Movimento Docente, especialmente em Santa Maria.

O Congresso de Santa Maria também teve um componente de articulação

política, pois era um congresso eleitoral. Depois de alguns anos com chapa única concorrendo à direção do ANDES, justamente em Santa Maria se articularam três grupos: "Em Defesa da Democracia", que tinha como candidato o professor Renato Oliveira; "ANDES para todos", encabeçada por Maria Luiza Fontenele e, a chapa "ANDES Autônoma e Democrática", liderada por Maria Cristina de Moraes.



Livro do professor Pedro Coelho

A esperança se desmancha no ar

O início dos anos 2000 marcou a decadência do projeto neoliberal de FHC. A crise econômica, os altos índices de desemprego, a deterioração da moeda do país, associado ao processo de privatização que varreu o Estado brasileiro eliminou as perspectivas de vitória do candidato José Serra, em 2002. Veio a esperança com a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva. Mas, aos poucos, ao contrário do que afirmava o próprio candidato, não foi a esperança que venceu o medo, mas ela simplesmente foi se desmanchando.

O primeiro golpe foi aplicado poucos meses depois que Lula assumira, em 2003. Sob o velho argumento de que o sistema previdenciário é deficitário, bastante usado durante os oito anos de FHC, o governo Lula, com a aquiescência da Central Única dos Trabalhadores (CUT), promoveu uma dura derrota aos servidores federais. Mesmo com a greve promovida pelo funcionalismo, inclusive entre os professores da UFSM, o governo passou de roldão e aprovou as mudanças prejudiciais aos trabalhadores.



Professores Paulo Burmann e Carlos Pires coordenando a assembleia

A partir desse enfrentamento, novos embates irão acontecer, alguns inclusive que levaram a um recuo por parte do governo. Um exemplo é a reforma trabalhista, que teve forte oposição nos setores que



Assembleia da greve de 2003 contra a Reforma da Previdência

não foram cooptados. No âmbito da universidade, a reforma universitária foi a primeira tentativa por parte do então ministro da Educação, Tarso Genro. Diante da reação da comunidade universitária, o governo passou a implementar uma reforma por conta-gotas. Primeiro veio o Prouni, um programa de bolsas de estudos para estudantes carentes em faculdades particulares, muitas delas em dívida fiscal com a União. E, depois, o Reuni, o programa de expansão das instituições federais, que vem sendo posto em prática de forma açodada, com muita precariedade.

ANDES rompe com a CUT

Apesar de haver uma polêmica sobre as inspirações do governo Lula, se seria ou moldadas ou não ao estilo populista, tentando cooptar o movimento social e o sindical, o fato é que aos poucos foram ocorrendo mais e mais concessões aos interesses conservadores e mercantis. Não bastasse isso, o fisiologismo se apropriou de setores importantes do PT levando ao badalado escândalo do "mensalão" em 2005, em que o governo foi acusado de pagar mesada a deputados.

Tudo esse desmanche das velhas bandeiras petistas levaram a que setores combativos propusessem uma alternativa à cooptação. No caso do ANDES-SN, o primeiro passo foi em 2005, no 24º Congresso, em Curitiba (PR). Foi naquele encontro que a maioria dos congressistas decidiu pela desfiliação à Central Única dos Trabalhadores (CUT). Ao longo de dois anos, os docentes debateram que alternativa se tinha para que os trabalhadores continuassem se agregando em torno de lutas comuns. Somente em 2007, no 26º Congresso de Campina Grande (PB), que houve a decisão de vincular-se à Coordenação de Lutas (Conlutas).

Os setores derrotados no Congresso de Curitiba não se deram por vencidos. Organizaram uma retirada gradativa do ANDES-SN e através da criação do Fórum de Professores das Instituições Federais (Proifes), buscaram adeptos para que através das seções sindicais ganhassem eleições. Assim, pela base, tentaram promover o esvaziamento do ANDES-SN, como veremos mais adiante no episódio da suspensão do registro sindical.



Congresso que aprovou a desfiliação da CUT

Iniciativas de destaque

Mas, se o quadro político não tem sido dos mais alentadores a partir do governo Lula, também não podem ser esquecidas as conquistas obtidas. No final de 2003, com o assessoramento do escritório Wagner Advogados Associados, que em 2006 viria a se constituir na assessoria efetiva da SEDUFSM, os associados foram beneficiados por uma decisão judicial que determinou o pagamento de precatórios referentes aos 3,17%. Foi uma importante conquista que iniciara na luta política e jurídica ainda nos anos 90.

Uma outra iniciativa importante, e que permanece até hoje, ocorreu em 2004, na gestão comandada pelo professor João Eduardo Pereira, que foi a publicação do livro "Reflexões Docentes". A obra reuniu os artigos de opinião assinados pelos professores, no jornal *A Razão*, entre 2000 e 2004. A partir de então, a cada dois anos, período que completa uma gestão, vem sendo impresso o livro com os artigos de opinião. Além dos que foram publicados em *A Razão*, nos volumes 2 (2006) e 3 (2008), foram acrescidos os artigos publicados no *Diário de Santa Maria*.



Primeira edição do "Reflexões docentes"

A estratégia da aproximação

Fotos: Arquivo/SEDUFSM



'Café da manhã' da greve no hall do CCS, em novembro de 2005

O período de 2004 a 2009 tem sido marcado por uma ofensiva do governo Lula no sentido de cooptar a comunidade universitária para os seus projetos, especialmente para a questão da expansão universitária. Diante dessa iniciativa, coube ao Movimento Docente reagir e, ao mesmo tempo, colocar em prática ações que buscavam aproximar o sindicato da

categoria.

Segundo o professor Carlos Pires, que presidiu a SEDUFSM de 2004 a 2006, o corpo-a-corpo foi intensificado em diversos momentos, seja na greve ocorrida em 2005 e que durou mais de três meses, com destaque para atividades como o "Café da manhã da greve", seja em ações que surgiram a partir de um planejamento estratégico definido pela diretoria de então junto com membros do Conselho de Representantes.

Antes mesmo da greve, no início de 2005, a SEDUFSM já se mobilizava na campanha dos "porquinhos". De forma bem-humorada, foram arrecadadas entre os professores moedas que simbolizavam o reajuste de 0,1% proposto pelo governo Lula. Após a arrecadação em cofrinhos, eles foram levados até o Banco do Brasil para que fosse efetuado um depósito devolvendo 0,1% ao governo.

No período de 2005 a 2006 foram implementadas propostas como o 'Prato do Dia', o projeto 'Repensar a Universidade', o 'Pauta Sindical' e, especialmente, um projeto que acabou vingando e permaneceu até os dias atuais: o *Cultura na SEDUFSM*.

Foi também na gestão do professor Pires que a SEDUFSM encabeçou, junto com a ASSUFSM e o DCE, o processo de Consulta à Comunidade Universitária que, através do voto paritário, elegeu o reitor da instituição.

Ao final da gestão 2004-2006, a seção sindical colocou na rua uma campanha visando à ampliação de filiados.



Projeto 'Repensar a Universidade' debateu a UFSM

Fundações, a pedra no sapato

Os últimos anos têm sido ricos em termos de debates. Através do *Cultura na SEDUFSM*, temas de grande relevância como a questão da mulher, do negro, da política em geral, foram abordados. Mas, esse período agregou ainda outras discussões relevantes. Um exemplo foi a polêmica envolvendo a questão dos "desertos verdes" a partir da vulgarização da plantação de eucaliptos no Rio Grande do Sul. Uma importante parceria foi construída com a Orquestra Sinfônica que, a cada mês de novembro, quando a SEDUFSM aniversaria, realiza uma apresentação gratuita.

A rápida e precária expansão das instituições federais, no Rio Grande do Sul e no Brasil, mereceu atenção da diretoria coordenada pelo professor Diorge Konrad. Em 2007 foram feitas visitas a todos os *campi* da Universidade Federal do



APOIO?

Pampa, então vinculadas à UFSM. O Centro de Ensino Superior Norte do RS (Cesnors) também foi visitado pelos diretores do sindicato. Além de verificar a situação *in loco*, a direção da SEDUFSM também procurou mostrar o papel do sindicato e assim trazer novos filiados.

Contudo, um dos mais graves e importantes acontecimentos na UFSM foi o que escandalizou a comunidade a partir da *Operação Rodin*, quando membros da comunidade universitária ligados às fundações de apoio (Fatec e Fundae) foram presos devido às acusações de desvio de recursos públicos. A SEDUFSM junto com o ANDES-SN, já havia promovido um seminário sobre fundações de apoio antes do escândalo e, após a *Rodin*, realizou mais um debate e encaminhamentos sobre o tema.

Perdas Entre o final de 2005 e o início de 2007, o Movimento Docente se entristeceu com importantes perdas. Faleceu nesse período o professor Atilio Rossato Alessio, aposentado do Centro de Educação da UFSM, e que tinha participação ativa em assembleias e outros eventos promovidos pelo sindicato. E, no início de 2007, a morte também precoce de um dos símbolos do Movimento Docente local, professor Joél Abílio Pinto dos Santos. Sobre a perda de Joél, fala o seu ex-aluno, Diorge Konrad: "Foi o dia acadêmico mais triste de minha trajetória até aqui. De lá para cá, todos sabem, a informalidade de nossas assembleias perdeu o seu maior representante".

As diretorias da SEDUFSM

Gestão "Reconstrução", 2000-2002

Presidente: João Eduardo Pereira
Vice-presidente: Paulo Afonso Burmann
Secretário-geral: João Batista Dias de Paiva
Primeiro secretário: Beatriz Pippi Quintanilha
Tesoureiro-geral: José Maria Dias Pereira
Primeiro tesoureiro: Ademar Michels
1º Suplente: Érico Antonio Lopes Henn
2º Suplente: Lucy Salet Trevisan
3º Suplente: Getúlio Rocha Retamoso

Gestão "Reconstrução", 2002-2004

Presidente: João Eduardo Pereira
Vice-presidente: Paulo Afonso Burmann
Secretário-geral: Carlos Ernando da Silva
Primeiro secretário: Carlos A. da Fonseca Pires
Tesoureiro-geral: Luiz Alexandre Schuch
Primeiro tesoureiro: Félix Alberto Farret
1º Suplente: Clóvis R. J. Guterres
2º Suplente: Maria Arleth Pereira
3º Suplente: Júlio Cezar Colvero

Gestão "Integração", 2004-2006

Presidente: Carlos A. da Fonseca Pires
Vice-presidente: José Luiz Silvério da Silva
Secretário-geral: Ester Wayne Nogueira
Primeiro secretário: Neverton H. Peixoto
Tesoureiro-geral: Júlio Cezar Colvero
Primeiro tesoureiro: Diniz Fronza
1º Suplente: Diorge Alceno Konrad
2º Suplente: Joél Abílio Pinto dos Santos
3º Suplente: Sérgio Alfredo M. Prieb

Sindicato não se apequenou

Fotos: Arquivo/SEDUFSM



Docentes barrados na assembleia do Proifes, em SP, em setembro de 2008

O ANDES - Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições Federais de Ensino Superior, ao longo de sua história, sempre defendeu o sindicalismo autônomo, independente de governos e de partidos políticos. Entretanto, setores do governo Lula nunca aceitaram essa postura. E, vendo que o ANDES não podia ser cooptado, partiram para ataques à entidade. Em 2003, sem amparo legal, o Ministério do Trabalho suspendeu o registro sindical.

O que parecia uma discussão burocrática e formalista ganhou tons dramáticos em 2008. Isso porque, primeiramente, as seções sindicais vinculadas ao ANDES-SN foram impedidas de se recadastrarem junto ao Ministério do Planejamento (MPOG) e, depois, porque o Proifes chamou uma assembleia nacional, pública, para a sede da CUT, em São Paulo (6 de setembro de 2008), em que tentou fundar, na marra, um sindicato de professores das universidades federais. Entretanto, como foi amplamente divulgado, a assembleia foi uma farsa, pois os professores que estavam do lado de fora, em sua maioria foram impedidos de se cadastrar.

Em relação ao Proifes, passou-se a uma luta jurídica e política.

Os desafios continuam

Houve pessimistas que chegaram a pensar que o ANDES-SN acabaria. Isso em função da suspensão do registro sindical que acabou gerando restrições de ordem legal e um estrangulamento na arrecadação. Entretanto, a mobilização, com apoio da sociedade, demonstrou que é possível superar, mesmo os quadros mais críticos. O pessimismo nunca foi compartilhado pela diretoria da SEDUFSM que assumiu em 2008 e finaliza seu trabalho em junho de 2010.

No entanto, os desafios se mantêm. Alguns exemplos são elencados pela atual presidente, professora Fabiane Costas: o projeto de expansão do governo federal; a proposta de reestruturação da carreira dos professores, com flexibilização na Dedicção Exclusiva, e a votação do projeto de lei da reforma universitária no Congresso Nacional, que também atende aos interesses do mercado da educação.

Uma batalha, a retomada do registro sindical, foi vencida. Mas muitas outras são esperadas pela frente. Para Fabiane Costas, é importante que os docentes tenham a compreensão de que o projeto de universidade do governo é "dissonante" em relação ao que pensa o ANDES-SN. Portanto, somente a união e a mobilização para que se consiga ser ouvido por um governo que, desde 2003, não se mostra disposto a discutir um projeto democrático para a universidade.

No âmbito jurídico, o ANDES contesta a validade da assembleia de São Paulo e rechaça a possibilidade de o Proifes vir a ser sindicato, pois conforme a legislação brasileira, é vedado mais de um sindicato na mesma base. Já no campo político, os anos de 2008 e 2009 têm representado uma demonstração de grande força do Sindicato Nacional. Com o apoio de centenas de entidades nacionais e internacionais, o ANDES-SN conseguiu retomar o seu registro sindical em junho deste ano. Através da mobilização é que se pretende fortalecer o sindicato,

evitando que a estratégia do Proifes, de dividir a base, surta efeito.

As seções sindicais como a SEDUFSM, que desde junho de 2008 estavam com sua arrecadação debilitada em função do não-recadastramento junto ao MPOG, conseguiram superar esse problema mediante a negociação efetuada pelo ANDES-SN. A volta da normalidade na arrecadação e também o fim da suspensão do registro também deve ser creditada à mobilização da própria base do sindicato, que em seus congressos jamais recuou na questão de manter-se unido. Mesmo a proposta de abrir mão do setor das universidades particulares jamais foi aceita.

Os aprendizados

Em 20 anos de história, os aprendizados dos que passaram pela SEDUFSM foram muitos. A atual presidente, Fabiane Costas, diz que a militância foi muito importante e lhe trouxe "crescimento grande em termos pessoais". Para ela, "receber incentivo das pessoas que apostam no sindicato, impulsiona e ratifica a crença no coletivo".

A ex-presidente, Berenice Corsetti, acredita que o grande ensinamento da militância foi o fato de ter aprendido a "nunca desistir". Acrescenta ainda que aprendeu a ser mais "tolerante", a ser uma "ouvinte mais atenta" da fala dos outros e ressalta: "Consolidei uma das convicções que marcam a minha existência, ou seja, a de sempre ter esperança de que é possível, juntos, atingirmos as nossas expectativas".

Para a ex-funcionária do sindicato e hoje professora da UFPel, Cristina Rosa, o diferencial da SEDUFSM foram os que a fizeram:

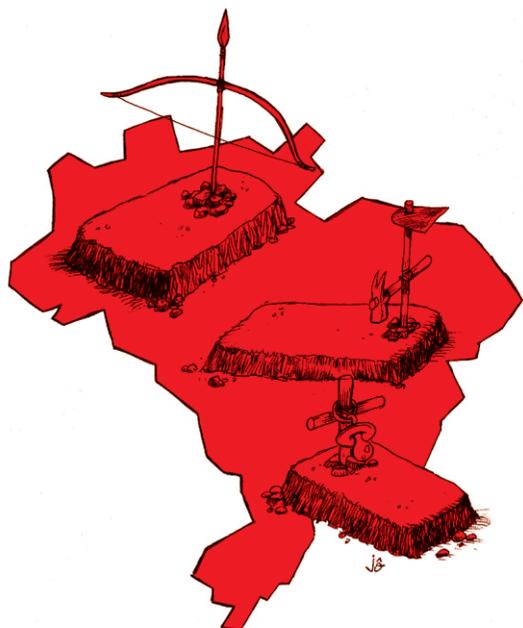
"Desde o office boy até o presidente, todos abraçávamos o sindicato e sua proposição político-organizacional. Havia um investimento em gente que 'nasceu para brilhar' e essa foi a lição maior que aprendi e hoje ensino".



Festa merecida em comemoração aos 20 anos do sindicato

(* O professor Sérgio Prieb renunciou em 2009 e a professora Fabiane Costas assumiu a presidência. O vice-presidente passou a ser o professor Julio Quevedo.

Recortes da história



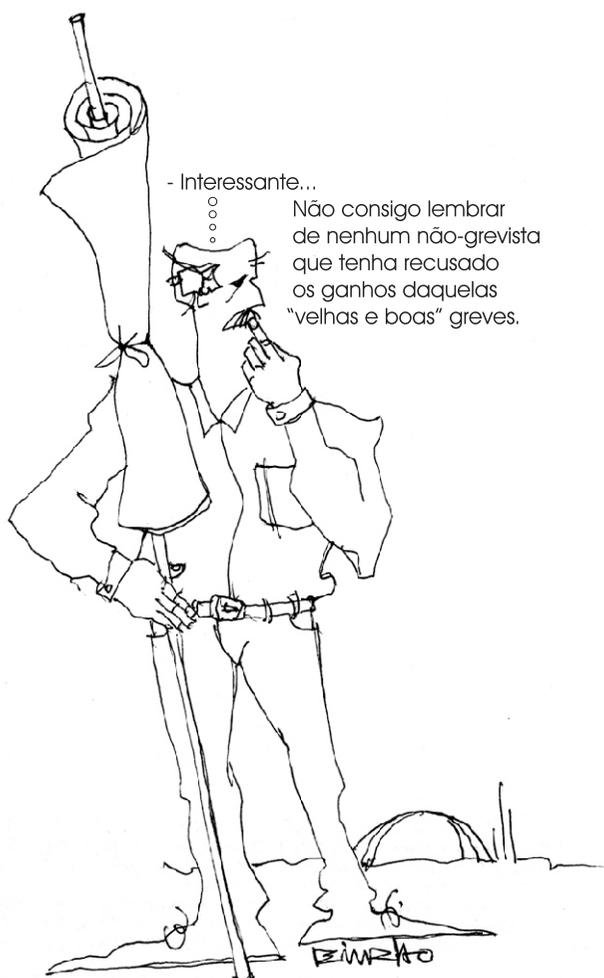
Na capa do informativo de setembro de 1993, o ilustrador (Jô) denunciava a violência no país, com massacres a índios, sem-terra e meninos de rua. E a manchete: "Queremos dignidade!"



Em agosto de 2006, na capa do Jornal da SEDUFSM, o tema da ilustração de Claubert Sousa sintetizava a preocupação com a expansão. A manchete era: "Expansão das federais gera polêmica e preocupa docentes".

E as greves?

Há quem diga que com greve não se consegue nada para a categoria. Mas, além do aprendizado, a história mostra que os grandes avanços foram obtidos através de movimentos grevistas. É o que mostra o levantamento efetuado pelo professor Ricardo Rondinel. Sobre os ganhos das greves, a fina ironia sai da pena do professor, chargista e colaborador do Jornal da SEDUFSM, Reinaldo Pedroso, na ilustração ao lado.



Greve 91:

- Incorporação de Gratificação ao Vencimento Básico, com reajustes de 51% a 77%, desagregado da seguinte forma:
 - Reajuste diferenciado de 20%;
 - Dedicção Exclusiva (DE) aumento para 55%;
 - Aumento da GAE de 80% para 160%.
 - Doutor: aumento de 25% para 50%;
 - Mestre: aumento de 15% para 25%;
 - Especialista: aumento de 5% para 12%;
 - Aperfeiçoamento: aumento de 5%;

Greve 93:

- Conquista de Política Salarial;
- Reajuste de 192,95% em Jan/94 zerando perdas salariais do ano;

Greve 98: mesmo com a oposição do Movimento Docente, foi criada a GED, que representou reajustes de 11% a 48%.

Greve 2001: reajuste diferenciado de 12% a 14%.

Greve 2004: reajuste da GED com índices de 18% a 45%.

Greve 2005: reajuste na titulação no vencimento e na GED concedido em três parcelas pagas em janeiro, maio e junho de 2006. Os percentuais médios dos ganhos foram de 8% para ativos e 16% para os aposentados.

Expediente

Edição especial comemorativa aos 20 anos da Seção Sindical dos Docentes da UFSM.



Jornalista responsável: **Fritz R. Nunes** (MTb nº 8033)
Relações Públicas: **Vilma Ochoa**
Arquivista: **Claudia Rodrigues**
Outros funcionários do sindicato: **Claudionéia Petry, Marcio Prevedello e Sandra Freitas**
Diagramação e projeto gráfico: **J. Adams Propaganda**

Ilustrações: **Claubert Sousa, Joacir Xavier, Máucio e Reinaldo Pedroso**
Impressão: **Gráfica Almeida, Santa Maria-RS**
Tiragem: **1.500 exemplares**
A SEDUFSM se localiza na rua André Marques, 665, em Santa Maria-RS
Fones de contato: (55)3222.5765 e 3222.1788
Página eletrônica: www.sedufsm.com.br e e-mail sedufsm@terra.com.br